

A CAVALARIA E OS MODOS DE LUTA CONTRA O INFIEL EM ESCRITOS DE RAIMUNDO LÚLIO (SÉCULO XIV)

CHIVALRY AND THE WAYS OF FIGHTING THE INFIDEL IN RAIMUNDO LULIO'S WRITINGS (14TH CENTURY)



MARCELO FERNANDES DA SILVA⁴⁵

MARIA DAILZA DA CONCEIÇÃO⁴⁶

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o modelo ideal de cavaleiro e os modos de luta e conversão do infiel a partir do estudo das obras *O livro da Ordem de Cavalaria* (1274-1276) e *O Livro Sobre a Aquisição Da Terra Santa* (1309), escritas por Raimundo Lúlio (1232-1316). Em seus escritos, o intelectual maiorquino apresenta as ações da ordem de cavalaria na Península Ibérica e aborda as formas de organização de expedições a fim de reconquistar a Terra Santa e combater os inimigos da fé cristã.

Palavras-chave: Raimundo Lúlio; cavalaria; guerra; modelos de conquista.

Abstract

The article aims to analyze the ideal model of knight and the ways of fighting and converting the infidel from the study of the works *The Book of the Order of Chivalry* (1274-1276) and *The Book on the Acquisition of the Holy Land* (1309), written by Raimundo Lulius (1232-1316). In his writings, the Majorcan intellectual presents the actions of the chivalric order in the Iberian Peninsula and addresses the ways of organizing expeditions to reconquer the Holy Land and fight the enemies of the Christian faith.

Keywords: Raimundo Lúlio; chivalry; war; models of conquest.

Introdução

Este artigo tem como proposta refletir acerca da cavalaria e dos modos de guerrear, a partir da análise de escritos de Raimundo Lúlio. Em sua concepção, a conquista deve ser considerada não só como uma luta armada, mas como uma missão nas premissas de três faculdades: sabedoria, poder e caridade (RAIMUNDO LÚLIO,

⁴⁵ Graduado em História, Universidade Estadual de Goiás. E-mail: marcelofernandes@gmx.com

⁴⁶ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Docente no Curso de História e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9974-041X>. E-mail: maria.fagundes@ueg.br



LSATS⁴⁷, I, I). Nesse viés, para Lúlio, o uso das armas é, sobretudo, objeto de estudo por representar um primeiro momento nesse processo de conquista, mas a conversão dos infiéis só se realizaria graças ao diálogo que geraria o convencimento de que a fé cristã era a verdadeira.

Raimundo Lúlio nasceu, em 1232, na ilha de Maiorca, localizada no arquipélago das Baleares no Mediterrâneo, numa espécie de entreposto da Cristandade com o norte da África islamizada cuja condição geográfica a coloca numa fronteira entre três religiões: cristianismo, islamismo e judaísmo. Faleceu em 1316, depois de um ataque de muçulmanos durante uma de suas viagens a Túnis no Norte da África.

Esse intelectual, teólogo e missionário catalão produziu vários escritos em catalão, latim e árabe abordando temáticas que transitam entre filosofia, teologia etc. Dentre o vasto *corpus* documental composto por Lúlio, a pesquisa tem como foco a análise de dois de seus escritos, compostos no final do século XIII e início do século XIV: “O livro da Ordem de Cavalaria” e “O Livro Sobre a Aquisição da Terra Santa”.

Desse modo, *a priori*, insta mencionar que este artigo foi elaborado com base na análise dos princípios do discurso luliano. Em relação ao caráter ideológico das obras em análise, observa-se, conforme afirma Reboiras (2011), é preciso considerar que o pensamento de Lúlio assemelha-se ao discurso intelectual comum da época e da Península Ibérica, que deve ser, portanto, interpretado a partir desta perspectiva de um homem da fronteira. Nessa perspectiva, compreende-se que a missão proposta por Raimundo Lúlio é única e exclusivamente à conversão do infiel. “O determinante do discurso luliano não é, portanto, discursivo, mas essencialmente apologético. Toda a sua obra está subordinada a este único fim” (REBOIRAS, 2011, p. 121).

Na obra “O livro da Ordem de Cavalaria” (1274-1276), Raimundo Lúlio, ao propor um modelo de cavaleiro cristão, responsável pela pacificação social e propagador da fé católica, elabora alguns deveres de um cavaleiro, relatando também sobre criação da ordem e como os ornamentos foram escolhidos. Nesta perspectiva, o maiorquino aborda em seu escrito: as principais atribuições de um cavaleiro, das honrarias, o rito de investidura dos indivíduos que desejavam ingressar na ordem militar.

Outro escrito em análise nesse artigo é o “Livro Sobre a Aquisição da Terra Santa”, composto em 1309. Essa obra foi redigida com o intuito de apresentar, aos cardeais, bispos, reis e a quem coubesse, a responsabilidade por organizar as expedições

⁴⁷ No artigo, a Sigla LSATS é utilizada para referir-se à obra *O livro sobre a aquisição da Terra Santa* de Raimundo Lúlio.



a fim de reconquistar a Terra Santa e combater os inimigos da fé cristã. Neste opúsculo, identifica-se no discurso de Lúlio algumas premissas importantes para adquirir o território sagrado, sintetizando esses fatores no que denomina “três leis fundamentais para uma empreitada vitoriosa”: Sabedoria, Poder e Caridade. Desse modo, para Lúlio, o uso das armas é, sobretudo, objeto de estudo por representar um primeiro momento nesse processo de conquista, mas a conversão dos infiéis só se realizaria graças ao diálogo que geraria o convencimento de que a fé cristã era a verdadeira.

Assim, esse artigo tem como objetivo refletir acerca do discurso de Lúlio sobre o modelo ideal de cavaleiro e a forma de guerrear contra os a infiéis, propostos em suas obras “O livro da Ordem de Cavalaria” e “O Livro Sobre a Aquisição Da Terra Santa”. Para tanto, o dividimos em duas partes: primeiramente o foco das discussões centra-se na análise do modelo ideal e nas virtudes dos cavaleiros apresentados pelo escritor maiorquino. A segunda parte, tem como objetivo discutir o modo de guerrear contra os infiéis e aborda também o modo de conversão do infiel na concepção de Raimundo Lúlio.

O modelo ideal de cavaleiro no Livro da Ordem da Cavalaria

Até o século XI as empreitadas militares dos cristãos contra os muçulmanos que conquistaram o território no início do século VIII, não eram, segundo Mata (2006), estimuladas por uma mentalidade religiosa: tratava-se de empreendimentos autônomos, no qual os interesses financeiros e políticos prevaleciam sobre qualquer outro. Por sua vez, Raimundo Lúlio nasceu no século XIII, no marco de uma sociedade assentada pela guerra, em que a minoria cristã, imbuída da mentalidade cavaleiresca, cuja influência se estende durante quatro séculos, dominava uma população mulçumana de Maiorca reduzida à metade devido à violência das batalhas no processo de reconquista da ilha maiorquina.

Assim, os escritos de Lúlio foram compostos no contexto da Guerra de Reconquista ibérica que, na concepção de Ricardo da Costa (1998), inicia-se somente no século XI, quando as guerras tinham por objetivo reconquistar as terras em mãos dos Mouros para a cristandade, ou seja, guerra com motivação ideológica. Portanto, só podem ser analisadas como Reconquista nesse período, as expedições militares que mantinham uma proposta de missão religiosa incorporada à ação guerreira.

No prólogo de sua obra autobiográfica “A disputa entre Pedro, o clérigo e Ramon, o fantástico”, composta por Lúlio em 1311 quando estava com a idade de 79 anos, fornece informações acerca de sua vida. Inicialmente, apresenta acontecimentos dos seus trinta



primeiros anos, marcados por uma vivência mundana. Em sequência, como linha divisória em sua trajetória, ressalta os anos dedicados aos estudos e à luta pela propagação da fé cristã.

Escutei tudo e entendi qual é a causa que vos move e por qual motivo me tens como fantástico. Contudo, antes de vos responder, desejaria, de maneira semelhante, dizer algumas poucas palavras a meu respeito. Fui um homem ligado pelo matrimônio, tive filhos; era discretamente rico, lascivo e mundano. Deixei tudo de bom grado para poder me dedicar a fomentar a honra de Deus, o bem público e exaltar a santa fé. Aprendi árabe e fui muitas vezes pregar entre os sarracenos; por causa da fé fui preso, encarcerado e surrado. Trabalhei quarenta e cinco anos tentando mover a Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, agora sou pobre, mas ainda tenho o mesmo propósito e o terei até a morte, se Deus quiser. Assim, vos parece que tudo isso é uma fantasia ou não? Que a vossa consciência seja o juiz, embora certamente isso seja fantástico para a vossa intenção. Mas no final, Deus, que não pode ser coagido nem enganado, será o juiz” (RAIMUNDO LULIO, DPCR⁴⁸, Prólogo).

Em Maiorca, no reino de Aragão, pátria de Raimundo Lúlio, o período em estudo foi uma época na qual os nobres procuravam legitimar seus poderes e sua autoridade e/ou prestígio através de feitos na guerra e conquistas. Consequentemente, Lúlio sofria todas as influências deste século, caracterizado pela beleza da ardósia arte da conquista e da guerra. Todavia, conforme relatado na passagem de sua obra “A disputa entre Pedro, o clérigo e Ramon, o fantástico”, em determinado momento de sua vida, por volta de 1263, abre mão do que denomina como libertinagens mundanas e passa a se dedicar ao propósito da paz através do diálogo, ao invés da guerra.

A esse respeito, Souza (2021) ressalta que uma das metas de Lúlio passou a ser a escrita de uma obra destinada à luta “contra os erros dos infiéis”. Com esse objetivo em vista, dedicou-se ao estudo de Teologia, Filosofia, Gramática, Retórica, Dialética etc. E assim como outros intelectuais de sua época, transitou por vários centros de saberes como Montpellier e Paris, em Avignon, sede do papado e locais de peregrinação cristãos como Santiago de Compostela e Roma. Além disso, num constante processo de circulação, viajou para postos comerciais (Barcelona, Sicília, Marselha, Nápoles, Gênova etc), bem como espaços ortodoxos (Rodes e Ayas) e islâmicos (Bugia e Túnis).

“O livro da Ordem de Cavalaria” foi estruturado em sete partes: I- Do começo da Cavalaria; II - Do ofício que pertence ao Cavaleiro; III-Do exame do escudeiro que deseja entrar na Ordem da Cavalaria; IV - Da maneira segundo a qual o escudeiro deve receber a cavalaria; V - Do significado que existe nas armas de cavaleiro; VI - Dos costumes que

⁴⁸ No artigo, a sigla DPCR^F é utilizada para referir-se à obra *A disputa entre Pedro, o clérigo e Ramon, o fantástico* de Raimundo Lúlio.



pertencem ao Cavaleiro; VII - Da honra que deve ser feita ao Cavaleiro. A respeito dessa divisão, Raimundo Lúlio afirma que: “Por significação dos VII planetas, que são corpos celestiais e governam e ordenam os corpos terrenos, dividimos este *Livro de cavalaria* em VII partes, para demonstrar que os cavaleiros têm honra e senhorio sobre o povo para o ordenar e defender” (RAIMUNDO LÚLIO, LOC⁴⁹, 1).

Na ótica do maiorquino, as derrotas da cristandade, sendo a mais grave, a perda da cidade santa de Jerusalém para os infiéis⁵⁰, eram fruto da fraqueza da Ordem de cavalaria dos reinos cristãos e da desorganização e dos desvios de conduta dos responsáveis pela missão. Da mesma forma que a Igreja condenava as práticas mundanas, Lúlio também criticava os homens que valorizavam somente as coisas materiais.

Assim, escreveu suas obras didaticamente, para que seus ensinamentos abrangessem desde os mais experientes até os aspirantes⁵¹ da ordem militar. Dentro dessa cavalaria carregada de brilhos terrenos e passageiros, Lúlio elaborou os modelos ideais, concebidos no sentido de atender a expectativa cristã de bom comportamento e virtude. Para os mais velhos, acostumados com o calor dos combates e as venerações das donzelas, o maiorquino procurou tratar os males, e com os recém iniciados buscou demonstrar os perigos e as atribuições de um verdadeiro cavaleiro cristão. Em seu “Livro da Ordem de Cavalaria” afirma que

Ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus (...). Daí que, assim como nosso senhor Deus elegeu clérigos para manter a Santa Fé com escrituras e com provações necessárias, pregando aquela aos infiéis com tão grande caridade que até a morte foi por eles desejada, assim o Deus da glória elegeu cavaleiros que por força das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja. Por isso, Deus honrou neste mundo e no outro tais cavaleiros que são mantenedores e defensores do ofício de Deus e da fé pela qual nos havemos de salvar (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, II).

Como recordou Costa (2001), Raimundo Lúlio iniciou este projeto de uma cavalaria perfeita resplandecendo com valores éticos e morais dos novos pertencentes à cavalaria, como foi ressaltado anteriormente. Entretanto, é necessário compreender quais ferramentas teóricas Lúlio utilizou para que os ensinamentos de sua produção fossem

⁴⁹ No artigo, a sigla LOC é utilizada para referir-se à obra *O livro da Ordem de Cavalaria* de Raimundo Lúlio.

⁵⁰ Na ótica de Raimundo Lúlio, os infiéis eram todos aqueles que desrespeitassem os mandamentos da Igreja Católica, ou seja, um não cristão.

⁵¹ Os “aspirantes” também chamados de “escudeiros” eram os jovens que pretendiam ingressar na ordem de cavalaria, diante disso Lúlio o grande intelectual entendeu que devia fazer algo antecipado, tanto que dedicou boa parte de sua obra “O Livro da Ordem de Cavalaria” aos indivíduos dispostos a fazer parte da gloriosa casta de bellatores.



capazes de moldar as normas sociais chegando a definir todos os quesitos formadores de uma ordem de cavalaria.

Pode-se ressaltar que a principal tática utilizada por Lúlio foi à sacralização, desde o rito de passagem até a simbologia das armas do cavaleiro. Fazendo assim, de seus escritos, verdadeiros código de condutas a serem seguidos pelos guerreiros da cavalaria.

Ao cavalo é dado freio e às mãos do cavaleiro são dados reinos, à significar que cavaleiro, pelo freio, refreie sua boca de falar feias palavras e falsas, refreie suas mãos, que não dê tanto que haja de querer(...) E pelos reinos, entenda que ele se deixe conduzir até qualquer parte a ordem de cavalaria o deseje empregar e enviar; e quando for mister, alargue suas mãos e faça despesa e dê segundo o que se convém à sua honra, e seja ardoroso e não hesite seus inimigos, e quando hesitar de ferir, deixe fraqueza de coragem (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, V).

Para Raimundo Lúlio, as práticas de torneios, por exemplo, faziam parte das raízes tradicionais cavaleirescas e permitiam que os cavaleiros aprimorassem suas técnicas de combates, fazendo parte do ofício de cavalaria, como pode ser observado na citação abaixo:

Cavalgar, justar, lançar a tábola, andar com armas, torneios, fazer távolas redondas, esgrimir, caçar cervos, ursos, javalis, leões, e as outras coisas semelhantes a estas que são ofício de cavaleiro; pois por todas essas coisas se acostumam os cavaleiros a feitos de armas e a manter a ordem de cavalaria. Ora, menosprezar o costume e a usança disso pelo qual o cavaleiro é mais preparado a usar de seu ofício é menosprezar a ordem de cavalaria (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, II).

Podemos raciocinar que esses movimentos contribuíram para demonstrar qual era o perfil do guerreiro adequado aos interesses da Igreja e nas pretensões de Lúlio, ou seja, o do bom cristão pronto a defender a Cristandade. Neste sentido, o discurso luliano foi responsável por criar e inserir – ou ao menos tentar – nos ideais cavaleirescos, elementos da doutrina cristã.

A ordem de cavalaria que o maiorquino idealizava era, sem dúvida, retrato de sua repúdia pelos maus comportamentos de homens pertencentes à cavalaria. Ele sempre fez críticas severas aos cavaleiros desordeiros e no seu entendimento cabia ao bom cavaleiro combater, perseguir esses maus cavaleiros que manchavam a reputação da ordem “[...] por isso cavaleiro que seja ladrão, traidor e salteador deve ser destruído e morto por outro cavaleiro” (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, II).

Percebe-se, então, que a crítica formulada por Lúlio referente ao mau comportamento apresentado pelos cavaleiros propiciaria uma ordem preservadora do bom estado social, ou seja, um regimento socializado. Para isso, Raimundo Lúlio passou



a integrar cada vez mais os ensinamentos cristãos ao corpo de guerreiros. O discurso luliano ressaltava que, os ofícios mais honrados, mais nobres existentes na Terra são os exercidos pelo clérigo e cavaleiros, por isso propõe que houvesse uma boa relação entre eles: “[...] a maior amizade que deveria existir neste mundo deveria ser entre clérigo e cavaleiro” (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, II).

Na ótica do autor, se os cavaleiros não fossem detentores de posses, podiam se voltar ao banditismo, pois, como foi exposto anteriormente, a cavalaria gerava um alto custo de manutenção. Assim, para se manter a ordem, seria necessário seguir esta hierarquia, mas sempre levando em consideração algumas das virtudes pertencentes à Ordem de Cavalaria, tais como obediência e lealdade. Nessa perspectiva, Raimundo Lúlio elaborou uma proposta onde a Cavalaria, ao invés de empreender seus serviços em prol das agressividades, das pilhagens, direcionasse seu afã para uma boa causa, como por exemplo, a luta pela fé cristã e a proteção dos ditos indefesos.

Em relação ao papel da cavalaria, percebe-se que a maior intenção do maiorquino era encontrar o lugar dos cavaleiros na sociedade e justificar as violências dos mesmos em determinadas condições como um meio necessário e lícito para um fim benéfico. É neste sentido que Costa e Lemos (2010) afirmam que Lúlio sempre recorreu às razões necessárias. Também podemos entender como razões necessárias tudo que deveria explicar de forma racional as virtudes Divinas. Para Lúlio, com essa forma de debate, os infiéis chegariam ao conhecimento de seus erros e voluntariamente aceitariam o Cristianismo, pois compreenderiam “a fé cristã para depois crer”. Tais razões necessárias seriam explicadas com o uso da Arte.

Cabe ressaltar, então, que o discurso luliano acerca das ações das ordens militares, consiste em colocar os cavaleiros a serviço da defesa da fé católica, e para isso, estes deveriam ser possuidores das virtudes divinas admiradas tanto por Deus como pelos homens, apoiando-se na imagem passada pela Igreja. Nesta perspectiva, a cavalaria perfeita, no discurso luliano, seria o aperfeiçoamento e a formação de uma Ordem de Cavalaria, imbuída de virtudes e contrária aos vícios e servindo apenas aos propósitos de Deus.

Assim, o modelo de guerreiro elaborado por Raimundo Lúlio vem a ser modelo de cavaleiro que segue os ensinamentos de Cristo. No “Livro da Ordem de Cavalaria”, o que mais nos chama a atenção é o seu caráter didático facilitando a sua compreensão. Também contém um sentido doutrinário de como se tornar um bom cavaleiro para que seja ideal. Assim, pode se afirmar que este livro oferece uma proposta pedagógica, para



que os cavaleiros compreendessem claramente as suas funções, o valor da sua ordem e da ética que deveria reger esse grupo. Em outras palavras, trata-se de um código que deveria ser seguido por todos aqueles que aspiravam a se tornar cavaleiros.

A ética luliana, seguindo a ideologia da época, era constituída por meio de contrários: concordância e contrariedade, perfeição e imperfeição, vícios e virtudes. Com isso, podemos afirmar que Lúlio pretendia que os futuros integrantes da ordem militar conhecessem a verdadeira função da Cavalaria, para depois aceitarem fazer parte deste grupo, que em sua ótica representava o mais alto ofício da cristandade: defender a fé cristã e combater o infiel. Além disso, esta obra é de suma importância, já que registra os códigos cavaleirescos encontrados não só nas obras do maiorquino, mas também em boa parte dos documentos escritos por autores cristãos em relação à Cavalaria (COSTA, 2001).

Na perspectiva de Lúlio, a conduta do cavaleiro deveria ser exemplo para toda a sociedade, pois assim, em sua concepção, os demais grupos sociais admirariam seu modelo de vida. Consequentemente, haveria uma aceitação e uma confiança mais acentuada pela população que não portava arma, perante à presença dos cavaleiros. Dentre os diversos temas tratados por Raimundo Lúlio, destaca-se a questão das *virtudes* e *vícios*, pois, em sua concepção, “faltou caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo; começou inimizade, deslealdade, injúria, falsidade; e por isso surgiu erro e turvamento no povo de Deus (...)” (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, I).

A princípio, Raimundo Lúlio mostrava sua reforma de sociedade a partir do uso da palavra, do contato com os infiéis, por meio do diálogo. Isso pode ser percebido até mesmo pelo seu interesse em estudar a língua árabe e das suas viagens missionárias. Entretanto, já com uma idade mais avançada, aceitou o uso das armas como mecanismo de impor ao infiel uma única crença que ele entendia ser a verdadeira, a cristã.

Ciência e doutrina têm os clérigos para poder a sapiência e querer amar, conhecer e honrar a Deus e suas obras, e para dar doutrina às suas gentes e bom exemplo em amar e honrar a Deus; e para que sejam ordenados nestas coisas, aprendem e estão em escolas. Logo, assim como os clérigos, por honesta vida e por bom exemplo e por ciência, têm ordem e ofício de inclinar as gentes à devoção e à boa vida, assim os cavaleiros, por nobreza de coragem e por força das armas mantêm a ordem de cavalaria, têm a ordem em que estão para que inclinem as gentes ao temor, pelo qual temem fazer falta uns homens contra outros (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, Prólogo, II).

Outro fator que pode ser destacado nesta parte da obra é que o discurso produzido pelo maiorquino retoma os valores difundidos pelo movimento da Paz de Deus (século



X). Por exemplo, o papel dos cavaleiros como protetores dos indefesos: “Ofício de cavaleiro é manter viúvas, órfãos, homens despossuídos...” (RAIMUNDO LÚLIO, LOC, II). Ressalta também os preceitos cristãos que deveriam ser praticados pelos integrantes da ordem, e condena os cavaleiros que iam contra as virtudes de um bom cristão, ou seja, do que adiantaria fazer parte da mais gloriosa função se não seguissem as regras da própria Ordem.

Além da elevação das bondades na índole do guerreiro, Lúlio sempre deixava claro os perigos e/ou vícios que deveriam ser evitados pelos cavaleiros. Em sua ótica, era necessário lutar com honra e serem admirados pela sociedade. Entre os vícios que deveriam ser evitados, alguns se destacam: orgulho, avareza, mentira, deslealdade, preguiça, gula, perjúrio e luxúria.

Na Sexta parte do livro, “Dos costumes que pertencem a cavaleiro”, o maiorquino explica detalhadamente quais virtudes o bom cavaleiro deveria possuir e de que maneira estas devem ser utilizadas. Nesse sentido, aborda as sete virtudes divididas em três teologais (Fé, Esperança e Caridade) e quatro cardeais (Prudência, Justiça, Fortaleza, Temperança) que estão em oposição aos vícios, ou seja, os sete pecados capitais⁵² (ZIERER; MESSIAS, 2013). No tocante à Esperança, proporciona uma vontade maior do cavaleiro em sair vitorioso nas batalhas. A Caridade é relevante para que os membros da ordem ajudem seu próximo. Em relação às virtudes cardeais, o cavaleiro deve ter a Justiça agindo sempre da maneira correta, a Prudência para saber diferenciar o bem do mal, a Fortaleza para não cair nos sete pecados capitais. E por fim, a Temperança para que evite sempre o excesso em todas as suas atitudes. A teoria da conexão entre as virtudes afirma que todo ato moralmente bom é fruto de uma convergência de virtudes porque este deve ser sempre prudente, justo, decidido e temperado.

Em suma, através do “Livro da Ordem de Cavalaria”, percebemos também as variedades de responsabilidades que cabiam ao bom cavaleiro dentro do pensamento luliano. Entretanto, dentre as funções estabelecidas para esse cargo, uma se destaca: manter e defender a fé católica. Esse é o projeto “missional” que o autor se propõe a

⁷ Os sete pecados (vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia) são considerados capitais porque, assim como a cabeça comanda os outros membros do corpo, eles também exercem a função de líderes, chefes que não apenas comandam, mas geram outros vícios (...).



realizar desde início de sua carreira como escritor. Com isso, o cavaleiro perfeito não deveria ser responsável pela desordem, pela violência como nos tempos anteriores, e sim como conservador da ordem social, propagador da santa fé cristã, ou seja, os escolhidos por Deus para manter a ordem terrena. E estes elementos que são as Virtudes Cristãs, na concepção de Lúlio, se seguidos, fariam do cavaleiro o homem ideal. Por fim, podemos ressaltar que a cavalaria apresentada pelo maiorquino seria o componente necessário para auxiliar o autor em seu grande projeto de vida: converter todos os infiéis do mundo ao catolicismo.

O modo de guerrear e conversão do infiel no Livro sobre a aquisição da Terra Santa

Mesmo vivendo em uma sociedade preocupada em ampliar seus domínios através da guerra, Raimundo Lúlio se destaca por defender modelos de conquista que ultrapassavam o uso das armas, ou seja, defendia métodos voltados para o discurso racional, em vez de usar somente o poder belicoso. Nesse aspecto, Fidora (2005) menciona que Lúlio foi uma figura muito emblemática dentro da cultura catalã, começando desde cedo o interesse pelos estudos, não só em nível local, mas também fora do contexto peninsular. A esse respeito, destaca-se que o autor maiorquino procurou elaborar suas obras em diversas línguas. Com isso, Lúlio deixara uma vida trovadoresca para se tornar uns dos mais prolíferos interculturalistas da história, até o ponto de que a maior parte de suas 280 obras conhecidas terem sido escritas inicialmente em árabe e catalão.

“O livro sobre a aquisição da Terra Santa” é uma espécie de manual de ímpeto cruzadístico dedicado à principal autoridade eclesiástica, o papa, objetivando que estes organizassem expedições bélicas e missionárias rumo ao Oriente, para outra vez tentar reconquistar os territórios perdidos para os mulçumanos e promover a conversão dos mesmos.

Um fator que pode ter influenciado Lúlio a compor tal documento foi a queda do último reduto cristão na Palestina, que é a cidade de São João de Acre, isso em 1291. Assim, é notável ressaltar que Lúlio pode ter tido uma grande decepção ao perceber que a cristandade perdeu seu posto mais avançado e o local mais próximo da Terra Santa. Pressupõe-se que foi neste contexto que ele estudou as táticas usadas até então pelos responsáveis por tais expedições contra os sarracenos e a partir desta observação ele pode ter identificado as principais falhas que levaram à derrota os exércitos cristãos. Assim, buscou lançar os preceitos estabelecidos por meio da fé, da caridade e do diálogo, visando



a conversão, como requisitos principais para efetuação da conquista dos infiéis à fé cristã (SILVEIRA, 2009).

“O livro sobre a aquisição da Terra Santa” está dividido em seis partes: prólogo, Primeira distinção (I), Segunda distinção (II), Terceira distinção (III) e conclusão. No prólogo da obra, o autor apresenta a estrutura: “Divide-se este livro em três distinções, a primeira das quais versará sobre o modo de guerrear, a segunda sobre o modo de pregar e a terceira sobre os exemplos”. (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, Prólogo). Foi composto, em 1309, com o objetivo de ser apresentado ao papa Clemente V (1305-1314) e ao seu colegiado, pois o sumo pontífice é uma das autoridades que poderia convocar uma cruzada contra os infiéis:

[...] Declaradas e demonstradas todas essas coisas, embora eu seja indigno, suplico quanto posso ao sumo pai, santíssimo senhor Clemente V e a todos os senhores reverendíssimos cardeais que recebam este livro, o vejam com caridade, ouçam, conheçam e me concedam, se lhes agradar, uma audiência; é isso o que tenciono (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, Prólogo).

No prólogo dessa obra, Lúlio destaca algumas premissas importantes para reconquistar a Terra Santa, sintetizando esses fatores no que denomina “três leis fundamentais para uma empreitada vitoriosa”: Sabedoria, Poder e Caridade.

A sabedoria dispõe, ordena, delibera, indica, julga e gera a justiça e a prudência. O poder possivelmente edifica e conserva, [...] e gera a fortaleza e a temperança. A caridade opta, apressa, implora e faz as coisas próprias comuns, causando a paciência e a humildade” (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, I, I).

Neste sentido, a Sabedoria, sendo uma virtude muito destacada por Lúlio, é aquela que procede à ação, onde em todas as situações o indivíduo prudente seja capaz de julgar e avaliar sobre qual a atitude e qual a melhor ação a ser realizada. Assim, entre as várias escolhas possíveis, saberia qual a mais adequada para que o agente seja virtuoso e realize o que é bom para si e para os outros.

Em relação às “três distinções”, conforme denominou Lúlio, a primeira, trata-se do modo de guerrear. A segunda, sobre o modo de pregar. E a terceira, refere-se aos exemplos dos erros que já foram cometidos pelos cristãos ao disputar com o infiel. De modo geral, o que se pode adiantar sobre a aludida obra é que por intermédio desses modelos o autor consegue fazer uma junção entre guerrear-orar-exemplificar, explicando tudo nas três máximas mencionadas no prólogo do documento: sabedoria, poder e caridade.



No primeiro momento ou na primeira “distinção”, Lúlio estabelece os modelos de conquista através da guerra, ou seja, o modelo o qual deve se guerrear. De certa forma, é demonstrado como organizar uma empreitada militar para se conseguir a vitória através da guerra. A primeira Distinção, intitulada “Do modo de guerrear”, está estruturada em quatro partes: “Da Primeira Parte da Primeira Distinção”, que trata das vantagens bélicas que os cristãos têm contra os sarracenos e se subdivide em seis partes (quanto às galés⁵³, às balistas⁵⁴, às lanças, ao escudo, aos infantes e às máquinas); “Da Segunda Parte da Primeira Distinção”, que discute o modo de adquirir a Terra Santa com a cidade de Constantinopla; “Da Terceira Parte da Primeira Distinção”, que se refere à conquista da cidade de Ceuta; e por fim, “Da Quarta Parte da Primeira Distinção”, que se trata da perseverança da continuidade da guerra até que toda a terra seja adquirida.

Na primeira parte desta distinção, percebemos que, para Lúlio, o primeiro passo para se começar um empreendimento militar seria fazer uma análise das vantagens bélicas cristãs em relação aos infiéis e depois fazer a organização de fato. Neste sentido, Lúlio sempre ressalta que as forças militares cristãs possuíam maiores recursos para fazer guerra, com um maior número de Galés em relação ao exército inimigo. Nesse sentido, o catalão afirma que:

Por essa razão, a igreja Romana pode impedir aos sarracenos que ousem navegar por mar ou ter subsídios de pérfidos cristãos, e os cristãos com galés possam perturbar o litoral marítimo, queimando o trigo e roubando seus animais e muitos outros danos, unindo um lugar após o outro, e assim muitos lugares nos quais os sarracenos presentemente não possam se prevenir contra eles (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, I, I).

Outro aspecto abordado em sua obra é sobre as balistas: “pois os cristãos têm maior abundância de balista e balisteiros, que são tanto infantes quanto equestres, e são melhores dentre todos que usavam habitualmente” (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, I, I). Assim, no decorrer da primeira parte do “Modo de guerrear”, o maiorquino menciona as vantagens bélicas do exército da cristandade e lista todo o armamento necessário para o início de uma campanha militar contra os sarracenos: galé, balistas, lanças, espadas, dardos, escudo, loriga⁵⁵, elmo.

⁵³ “Galé” ou “galera” é o termo para designar qualquer tipo de navio movido a remos. Algumas variações possuem mastros e velas para auxiliar a propulsão. Eram navios muito usados em guerras. Por isso desempenharam um papel de grande importância no medievo.

⁵⁴ A “Balista” era uma máquina de guerra romana que atirava dardos.

⁵⁵ Loriga era um ornamento bélico, uma espécie de saia de malha coberto por escamas de aço e serviam de proteção aos guerreiros da cavalaria.



Lúlio apresenta um elemento que considera uma das grandes vantagens dos cristãos:

Quanto aos infantes guerreiros que os cristãos têm na Espanha, na Catalunha e também em Aragão e nas fronteiras, audaciosamente assim alimentados e que não temem entrar por três, quatro ou seis léguas na terra dos sarracenos, invadi-los e retornar com a rapina e a presa; estes se chamam almogaves⁵⁶, que, entre outros infantes, em razão da magnanimidade, fortaleza e valor, são escolhidos para isso [...] (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, I, I).

Percebe-se claramente a influência dos preceitos cristãos na obra, principalmente por Lúlio destacar que a frente junto com o líder guerreiro deveria haver no mínimo um missionário fluente em árabe e com conhecimento aprofundado em teologia cristã. Pode-se dizer que além da campanha militar, o maiorquino pretendia guiar as tropas num empreendimento missionário.

Na “Segunda parte da Primeira Distinção”, Raimundo Lúlio propõe um tipo de conquista planejada em que o líder deveria conduzir o exército gradualmente derrotando cidade por cidade que se encontravam na rota de Jerusalém. Mas, primeiramente, Lúlio adverte: “foi demonstrado que as cidades de Roma e Constantinopla devem posicionar-se contra os infiéis, porque outrora o imperador romano, com a cidade de Constantinopla, obteve vitória contra os inimigos”. (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, I, II). Na perspectiva de Lúlio, seria necessário que a Cidade de Constantinopla se submetesse às ordens da Igreja Romana. Para isso, seria necessário que os mestres de Teologia cristã argumentassem a ponto de convencer o imperador de Constantinopla a unir-se à cristandade.

Lúlio inicia a terceira parte do “Modo de guerrear” afirmando: “Esta parte fornece a doutrina para adquirir Ceuta. No entanto, ela não pode ser adquirida se não se conquistar antes o reino de Granada” (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, I, III). Essa preocupação de Lúlio para a conquista de Ceuta relaciona-se à posição estratégica dessa cidade, localizada na ponta setentrional do Marrocos, no norte da África, portanto, um importante entreposto comercial, além de ser uma fronteira entre as três culturas ibéricas medievais: a judaica, a cristã e a muçulmana.

Essa proposta relaciona-se com a discussão presente em sua obra “O livro Derradeiro”, composta em 1305, em que o autor apresenta cinco possíveis caminhos que os cristãos poderiam ou não utilizar para iniciar a guerra contra os muçulmanos. A quinta

⁵⁶ O termo Almogaves refere-se a soldados originários dos Pirineus que eram recrutados para lutarem como tropas fronteiriças na guerra de reconquista na Catalunha, colaborando assim, com os reinos de Aragão, e Navarra.



rota, a que ele considera a mais favorável, parte da Península Ibérica e pressupunha, portanto, a conquista primeiramente do Reino de Granada. Assim, podemos dizer que este projeto organizado por Lúlio, da conquista da Terra Santa, visava, em primeiro momento, a retomada dos territórios peninsulares que ainda estavam sob o domínio dos árabes, para depois, adentrar no território muçulmano.

Além da reconquista do território, o autor propõe a luta pela conversão dos infiéis, pois, em sua concepção, somente assim, a conquista se consolidaria. Com esse propósito, apresentava também a elaboração de métodos de batalha para além da luta armada em si. Assim, estabelece modelos baseados no uso do diálogo racional e na fé, sendo esta a principal arma a ser utilizada. Nesse sentido, a proposta de Lúlio, segundo o professor Sydney Silveira (2009), é um diálogo essencialmente voltado para a conversão do infiel. Lúlio discute em sua obra o modo de guerrear contra o infiel porque, em sua concepção, as empreitadas militares forneceriam as condições necessárias para que houvesse o diálogo considerado imprescindível para a concretização do projeto missionário que ele propõe: a conversão dos muçulmanos ao cristianismo (REBOIRAS, 2009).

Assim, após demonstrar como organizar uma empreitada militar para se conseguir a vitória através da guerra, Lúlio apresenta o que considera elemento essencial a ser adotado após a reconquista do território: a luta pela conversão dos infiéis. Em sua concepção, somente assim a conquista se consolidaria realmente. Além disso, apresentava também a elaboração de métodos de batalha que vão além da luta armada em si, pois estabelece modos que têm como base o uso do diálogo racional, sendo este a principal arma a ser utilizada.

Com esse propósito, o autor inicia a primeira parte da “Segunda Distinção” apresentando um instrumento imprescindível no processo de conversão: o domínio da língua falada pelo infiel. “A língua para falar com o outro e a arte, para persuadi-lo: tais são os dois elementos indissociáveis que constituem a originalidade do procedimento luliano” (SENELLART, 2013, p. 258). A esse respeito, Lúlio afirma:

Esta parte tratará da ordenação, evidentemente, para que o senhor papa e seu reverendo colégio façam três mosteiros, isto é, um em Roma, outro em Paris e o outro em Toledo, nos quais homens sábios e devotos estudariam várias línguas e depois iriam pregar o Evangelho por todo o mundo [...] (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, II, I).

Nesta perspectiva, foi para converter o infiel que Lúlio aprendeu o árabe. Ele ressalta a importância desse conhecimento que é essencial para falar com o outro. Daí a



importância da criação de colégios de línguas. Portanto, em seu projeto missionário, a conversão se daria pelo uso da razão, não pela guerra (SENELLART, 2013).

Quando Lúlio propõe a criação de colégios ou mosteiros em diversas partes do mundo o objetivo é ensinar homens sábios e devotos, a fim de apreenderem várias línguas para que estes tornem pregadores do evangelho, principalmente em terras dos infiéis. É importante recordar que essas criações de colégios de tradutores de línguas pagãs, como foram descritos anteriormente, faz parte de uma das suas três metas de vida. Por isso, é necessário que esta parte seja tratada mais detalhadamente.

E assim bem instruídos, após serem mandados de dois em dois, que os outros dois fossem recebidos até certo número determinado. Por essa ordenação, a fé seria exaltada, pois, se a Igreja fizesse o que pode fazer para a exaltação da fé, Deus daria sua graça, especialmente sabedoria, o poder e a caridade através do Espírito Santo. (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, II, I).

Com seu projeto que defendia a criação de escolas de línguas orientais, conseguiu fundar um colégio em Miramar, entretanto, segundo Mata (2006), estas empreitadas tiveram curta duração. Certamente as condições de insegurança levaram a retirada dos franciscanos do centro de estudo e conseqüentemente o colégio chegou a seu fim.

Assim, afirma que o modo de pregar é um instrumento que deveria ser utilizado no segundo momento da conquista, porque se os mulçumanos fossem convertidos ao cristianismo, a conquista se consolidaria de fato, e não teria revolta por parte dos conquistados. Por esta lógica, se certa quantidade de indivíduos se convertesse, seria um incentivo para outros se converterem e assim, sucessivamente.

Em seguida, na Segunda Parte da segunda distinção, ressalta quais modos deveriam ser usados para converter os sarracenos⁵⁷, que, segundo o autor, são “bem letrados, são homens bem racionais”. Nessa parte da obra, percebe-se que Lúlio faz uma advertência para que os cristãos se preparassem melhor intelectualmente, pois para se confrontar com pessoas bem letradas, seria importante que tivessem um nível igual de conhecimento. Assim, a premissa da sabedoria é a mais importante nesse momento da disputa com os sarracenos.

Se se perguntasse a qualquer filósofo sarraceno se porventura é homem ou pedra, ele racionalmente negaria que é uma pedra, pois sabe que a pedra não é sensata e o homem, sim; e, se se perguntasse se o homem é um cavalo, ele racionalmente diria que não, pois o cavalo não é racional e o homem, sim. Digo isso porque o mesmo sarraceno pode não saber se o homem é pedra ou cavalo, senão que o homem é sensato e racional. Por isso, na disputa com um inteligente, exige-se a prova verdadeira, primitiva e necessária, pois a própria

⁵⁷ Lúlio apresenta nessa parte da obra modos de conversão dos sarracenos, judeus, hereges, cismáticos, tártaros ou gentios.

sabedoria dispõe a prova, o poder a faz abundar e a caridade a exige (RAIMUNDO LÚLIO, LSATS, II, II).

Nota-se acerca da análise da obra “O livro sobre a aquisição da Terra Santa”, que Raimundo Lúlio consegue fazer uma junção entre guerrear-orar-exemplificar, explicando tudo nas três máximas cristãs. No primeiro momento ou na primeira distinção, como ele mesmo nomina, estabelece os modos de conquista através da guerra, ou seja, o modo pelo qual deve se guerrear. No entanto, pela análise da segunda e terceira distinção, compreende-se que ele propôs métodos que acima de qualquer máquina ou arma, prevalecesse o uso da racionalidade para elaborar uma argumentação convincente, pois, para ele, se um cristão pudesse convencer que a fé cristã era a verdadeira, conseguiria, assim, a conquista e ao mesmo tempo a conversão dos mulçumanos para o cristianismo.

Considerações Finais

Os termos, “conquista” e “luta”, são especificamente ligados à ideia do uso de armas. Quando temos como campo de abordagem o contexto medieval, associamos essas expressões à imagem de guerreiros, cavaleiros com armaduras, fazendo uso de suas espadas e lanças, conforme observa-se na obra “O livro da Ordem da Cavalaria”. Contudo, ao analisar “O livro sobre a aquisição da Terra Santa”, percebe-se que, para o catalão Raimundo Lúlio, os modelos de conquista ultrapassam o uso de armas.

Nesse sentido, percebe-se que o autor propõe acima de tudo uma missão intelectual, em que a principal arma seria a disputa através do diálogo racional, a fim de provar que a fé cristã era a verdadeira, e sempre frisando as três máximas por ele tanto aludidas no documento: a sabedoria, o poder e a caridade – referências das virtudes cristãs. Para Lúlio, ao mesmo tempo que a sabedoria indica e delibera, ela também acaba gerando justiça. Já o Poder seria necessário para gerar a fortaleza e temperança, e a Caridade apressa, implora e ao mesmo tempo traz humildade. Em suma, percebe-se que para Raimundo Lúlio o essencial em todo processo de reconquista da Terra Santa seria a conversão dos infiéis. Com isso, seus modos de conquista e conversão estavam atrelados nas virtudes cristãs.

Data de Submissão: 22/04/2023

Data de Aceite: 07/06/2023





Referências

COSTA, Ricardo da; Lemos, Tatyana Nunes. Com ferro, fogo e argumentação: cruzada, conversão e a Teoria dos Dois Gládios na filosofia de Ramon Llull. *Mirabilia* 10, jan/jun 2010. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/pub/12.%20Tatyana.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

COSTA, Ricardo da. A Cavalaria Perfeita e as Virtudes do Bom Cavaleiro no Livro de Cavalaria (1275) de Ramon Llull. Primeira Parte. In: Fidora, A e Higuera, J.G. (Orgs.). *Ramon Llull caballero de la fe. Cuadernos de Anuário Filosófico – Série de Pensamiento Español*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40.

COSTA, Ricardo da. **A guerra na Idade Média**: estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Ed. Para todos, 1998.

FIDORA, Alexander. Ramon Llull, La cruzada contra los infieles y La ordem del Temple: Considerações sobre una aparente paradoja. In: Ruy de Oliveira Andrade Filho (org.). **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Ed. Solis, 2005, p. 433-439.

MATA, Santiago. **El Hombre que demostró el Cristianismo**. Madri: Ed. Rialp, 2006.

REBOIRAS, Fernando Dominguez. La España medieval, frontera de la cristiandad. *Notandum*, n. 27, p. 105-125, 2011.

REBOIRAS, Fernando Dominguez. Introdução. In: COSTA, Ricardo da (org.) **Raimundo Lúlio e as Cruzadas**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009, p. XVII-XXIX.

SEHELLART, Michel. Raimundo Lúlio (Ramon Llull). In: LE GOFF, Jacques (org.). **Homens e mulheres na Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013, p. 256-259.

SILVEIRA, Sidney. Breve Nota do Editor. In: COSTA, Ricardo da (org.). **Raimundo Lúlio e as Cruzadas**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. Raimundo Lúlio, a Idade Média global e o ensino de História: perspectivas de abordagem. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 531-557, maio/ago. 2021.

ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria do século XIII na concepção de Ramon Llull. *Roda da Fortuna*, v. 2, n. 2, p. 128-154, 2013.

Fontes

RAIMUNDO LÚLIO. **A disputa entre Pedro, o clérigo e Ramon, o fantástico**. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/disputa-entre-pedro-o-clerigo-e-ramon-o-fantastico-1311>. Acesso em: 20 mar. de 2023.

RAIMUNDO LÚLIO. O Livro Sobre Aquisição da Terra Santa. In: COSTA, Ricardo da (org.). **Raimundo Lúlio e as Cruzadas**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009.

RAIMUNDO LÚLIO. O Livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283). Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

